



MESA REDONDA SOBRE COMBATE À VIOLENCIA CONTRA A MULHER: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA.

Ênnya Maria Figueredo Peixoto¹, Adriele Oliveira Carmo¹; Danille França Damasceno¹; Camila Torres da Paz².

¹Graduandas no Bacharelado em Enfermagem (FAMAM), ennyapeixoto@gmail.com; adriele905@gmail.com; damascenodanille@gmail.com; ²Mestra em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente (FAMAM), FAMAM, camilatorrespaz@gmail.com.

A violência constitui-se de uma construção histórica influenciada por questões sociais, políticas e culturais, que aflige toda a humanidade e traz impactos negativos para a saúde pública. A violência contra a mulher, em específico, perpassa pelas relações de gênero nas diferentes culturas, baseadas em construções sociais. Esse tipo de violência incluindo diversas manifestações, como por exemplo, físicas, sexuais, psicológicas, patrimoniais e obstétricas. Com todo histórico relacionado ao machismo e a violência contra a mulher, movimentos feministas ganharam força na década de 1970, servindo de apoio imprescindível para maior visibilidade ao público feminino, aliado, obteve-se a conquista no ano de 2006 a aprovação da Lei Maria da Penha, que prevê pena para os agressores, assegurando às mulheres os seus direitos. Nesse sentido, esse trabalho objetiva-se em: relatar a experiência e as reflexões oriundas da mesa redonda “combate a violência contra a mulher”. Trata-se de um relato de experiência, vivenciado por acadêmicas do 7º semestre do curso Bacharelado em Enfermagem da Faculdade Maria Milza, as quais participaram da organização e apresentação da mesa redonda itinerante intitulada “Vulnerabilidade feminina e prevalência da violência: Precisamos falar sobre isso”, voltada para os profissionais da Atenção Básica do município de Sapeaçu, situado no recôncavo da Bahia; tal evento ocorreu no primeiro semestre do ano de 2019, e surgiu como uma proposta da disciplina de Saúde da Mulher. Onde foram abordados os seguintes temas: contexto epidemiológico da violência contra a mulher no Brasil, recorte nos anos de 2016 a 2018; definição dos tipos de violência; criação de fluxograma voltado à conduta com mulheres em situação de violência sexual e/ou doméstica/intrafamiliar. Referente ao contexto abordado foi perceptível que muitas vezes os sinais de violência passam despercebidos, além disso, a não valorização dessa violência potencializa a invisibilidade no cotidiano do trabalho da equipe multiprofissional, o que propicia mais vulnerabilidade para esse público, sendo assim, é de extrema relevância abrir espaços para discussões relacionadas à temática, sensibilizando a equipe para um olhar holístico e diferenciado. Apesar de muitas fragilidades, os profissionais de saúde são relevantes para atuação no processo de acolhimento das vítimas de violência, prestando um atendimento diferenciado, ganhando a confiança da cliente, para executar uma assistência equânime e qualificada, atendendo as demandas dessas mulheres e encaminhando-as a outras especialidades quando necessário. Desta forma, cumpre-se então a proposta da Rede Básica, de ser porta de entrada do Sistema Único de Saúde e ferramenta direcionadora do paciente na Rede de Atenção a Saúde.

Palavras-chave: Educação em Saúde. Violência. Mulher. Vulnerabilidade.